

## **A leitura em casa: a participação da família no ensino sistemático da leitura na fase infanto-juvenil**

Celso Ferrarezi Jr.<sup>1</sup>

**Resumo:** É senso comum, embora equivocado, de que cabe exclusivamente à escola o ensino do gosto pela leitura, bem como a transformação da criança ingênua e não-crítica em um leitor participativo e crítico. O presente artigo argumenta no sentido de que o ambiente familiar tem grande responsabilidade na formação do futuro leitor e de que devem haver políticas de estado que orientem e estimulem a prática da leitura no ambiente familiar da mesma forma que há políticas nesse sentido para a manutenção da saúde familiar.

**Palavras-chaves:** 1. Leitura. 2. Ensino da leitura. 3. Leitura no ambiente familiar. 4. Integração família-escola.

**Abstract:** It is common sense, though mistaken, that lies exclusively with the school teaching the love of reading, as well as the transformation of the child naive and uncritical in a participatory and critical reader. This article argues for the home environment has a great responsibility in shaping the future reader and that should be state policy to guide and encourage the practice of reading in the home environment in the same way that there are policies accordingly to maintain family health.

**Keywords:** 1. Reading. 2. Teaching of reading. 3. Reading in the family environment. 4. Integrating family-school.

### **Introdução**

É consenso nacional que o Brasil é um país que lê pouco. Não há como fugir dos dados que dão conta de que, na média, o brasileiro lê menos de um livro por ano, enquanto há países em que essa média se aproxima de 10 livros anuais por habitante. Pesquisa recente divulgada em telejornais de todo o país apontou para o fato estarrecedor de que cerca de metade da população brasileira com cerca de 40 anos de idade nunca comprou um livro na vida. Isso, é claro, se reflete na qualidade geral de nossa educação e, por que não, na qualidade geral da vida de nosso povo. Muitas das barbaridades a que assistimos diariamente na TV não ocorreriam se tivéssemos um povo mais educado, mais leitor.

Porém, essa responsabilidade pela transformação das crianças em gerações de leitores críticos tem sido indevidamente depositada de forma exclusiva sobre os ombros das escolas básicas, especialmente das escolas públicas. Isso se dá, entretanto e

---

<sup>1</sup> O autor é doutor (com pós-doutoramento) em Linguística, área de concentração “Semântica”. Atualmente, é professor do Instituto de Ciências Humanas e Letras da Universidade Federal de Alfenas – UNIFAL-MG.

infelizmente, de forma indevida e sem as devidas políticas públicas de acompanhamento e suporte. Pior ainda é constatar que essa responsabilização da escola ocorre sem que haja qualquer política pública consistente de orientação e incentivo à leitura no ambiente familiar. Da mesma forma, embora a legislação seja profícua na área, não há políticas públicas verdadeiramente consistentes na direção de uma integração entre a escola e a família, de maneira que as ações de uma são, quase sempre, independentes, e, às vezes, contraditórias em relação às ações de outra. É óbvio que isso dificulta demasiadamente a formação de novos leitores.

O presente artigo, com base nisso, tratará do tema da leitura no ambiente familiar, abordando a importância do exemplo, da biblioteca familiar, das experiências multimodais e como essa experiência familiar se transporta, posteriormente, de casa para escola.

## **1. A importância do exemplo nos anos iniciais de vida da criança**

Acreditamos que a família tem grande responsabilidade no processo de formação de crianças leitoras. Assim como a criança aprende em casa a importância do respeito, da ordem, da higiene e das regras de convivência básica, é em casa também que ela aprende que a leitura precisa fazer parte de nossa vida como a respiração e a alimentação.

A constituição brasileira e a Lei 9394/96 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) dividem a responsabilidade da formação das novas gerações entre a família e a escola. Entretanto, é evidente que a deterioração atual da estrutura familiar convencional, sem que se tenha tido tempo de substituir essa estrutura por nada muito coerente até agora, obrigaria o Estado a atuar por meio de políticas públicas que reorientassem a família em aspectos básicos como a saúde e a educação.

O que se vê, porém, é que, uma vez que as questões de saúde pública são imediata e demasiadamente onerosas para o Estado, programas nacionais como “Saúde da Família” e “Médico da Família” são presentes no ambiente social e levados a efeito sistematicamente pelo Governo Federal e pelos governos regionais e locais. Entretanto, ao que parece, como não se tem a dimensão do ônus de uma educação de baixa qualidade na forma de gastos imediatos do governo, como a baixa educação é de difícil quantificação em termos de prejuízos aos cofres públicos e, de forma mais ampla, ao futuro da nação, não se veem políticas públicas voltadas para a educação sistemática em ambiente familiar, especialmente no que tange à leitura.

A boa leitura abre os horizontes da pessoa e isso todo mundo já sabe. Ela eleva o espírito, permite que haja um significativo desenvolvimento geral do intelecto e, assim, melhora até as conversas e os relacionamentos em casa. Mas, é moeda corrente que “a leitura é árdua em seu princípio”, que “determinados livros importantes são difíceis de digerir e exigem muito esforço e dedicação do leitor” e que “toda leitura dedicada toma tempo de outras coisas”. Há, ainda, as versões de que “ler dá sono” e de que “ler é chato mesmo”. Tudo isso será verdade se o leitor não desenvolver, desde pequeno, uma relação de dependência vivencial para com a leitura.

“Depender de ler para viver” é ter um hábito de natureza existencial, uma relação de prazer e satisfação com a leitura como temos para com a comida e o sexo.

Infelizmente, o ensino do prazer vivencial para com a leitura não se aprende na escola, pois na escola, leitura é “tarefa”. E tarefa, todos sabemos, não é lá uma coisa muito prazerosa de se fazer, pela própria concepção que temos disso, ensinada pela própria escola atual. Mais do que isso, é comum que se estrague o prazer pela leitura na escola dando-se, aos alunos, coisas para se fazer “em cima do que se lê”, ou seja, um conjunto de obrigações posteriores que transformam a leitura de algo pleno em um mero entremeio para tarefas “mais importantes”, aquelas para as quais os professores “dão nota”. Então, quando vem a leitura, o aluno já sabe que depois vêm mais obrigações. A leitura da escola nunca é, ela mesma, uma realização, e isso é terrível!

A leitura se torna prazerosa na medida em que não é imposta (de fora para dentro), mas autoimposta. Todos sabem que crianças têm a tendência de imitar seus pais. Ninguém pede que elas os imitem. Elas simplesmente têm prazer nisso. Por isso, a menina pega o batom da mamãe e pinta a cara toda e o menino fica andando pela casa com o sapato do pai naquele toc-toc intrigante. Se as crianças veem os pais lendo em casa, comumente, constantemente, sistematicamente, elas terão a tendência de imitar isso, de achar que isso é mesmo importante (porque os pais fazem isso sempre), de que isso faz parte da vida e de seguir o mesmo caminho dos pais. O exemplo dos pais como leitores é fundamental para formação de meninos e meninas leitoras. Não é por outra razão que lares com pais leitores têm a tendência de ter mais filhos leitores. Acompanhamos isso em um ambiente familiar e compartilhamos essa experiência aqui com o consentimento dos pais.

Q, hoje com 21 anos, é um leitor contumaz. Nosso acompanhamento do ambiente da família demonstrou que isso se iniciou quando Q tinha um ou dois anos. Já vivia entremeio os livros da casa, para cá e para lá carregando os livros infantis, pedindo aos pais que lessem as histórias dos livrinhos para ele e fazendo as leituras ao modo infantil dele para o restante da família. No quarto dele, misturados aos brinquedos, havia livros infantis também, livros que ele colocava lá e que, segundo os pais, não adiantava tirar: os livros voltavam rapidamente para juntos dos brinquedos, pois faziam parte de sua diversão cotidiana. Na foto de família abaixo, Q ainda tinha 8 anos. Ele estava de férias em um hotel fazenda e usava parte de seu tempo em leituras. Enquanto havia outras crianças no mesmo hotel que apenas tomavam banho no lago ou jogavam futebol. Q já tinha feito um pouco disso e, segundo os pais, a declaração do menino, quando a foto foi feita, foi de que ele “estava cansado e por isso foi descansar um pouco... lendo”.



Imagem 1: O menino Q, aos 8 anos, descansa das atividades das férias lendo. (Fotografia cedida de acervo familiar)

É interessante notar que ninguém da família pediu que ele lesse ou sequer, que ele levasse livros para as férias. A decisão, nos dois casos, foi espontaneamente tomada por parte da criança, em função de que seu hábito de leitura desenvolvido em ambiente familiar já fazia, aos oito anos, parte existencial de sua vida.

Ainda no mesmo ambiente familiar, temos o caso de T, hoje com 12 anos. Com cerca de dois anos, a criança já mostrava como o exemplo dos pais é importante na formação do hábito de leitura. A foto abaixo foi feita na biblioteca de casa: ela foi flagrada “lendo”, ao invés de brincar com outras coisas. Na foto dá para se notar que ela buscou os livros de criança, espalhados pelo chão. Por ação sistemática da família, ela já tinha conhecimento de que havia diferentes livros do pai, da mãe e do irmão. Hoje, ela tem acesso a todos os livros da casa. A família relata que, na ocasião da fotografia, a menina ainda usava (e estava) de fralda. De fralda e já virando leitora!



Imagem 2: A menina T, com menos de 2 anos, já entretida com livros infantis. (Fotografia cedida de acervo familiar)

Nesta outra fotografia fornecida pela família, T contava com quase 3 anos. Também é um flagrante familiar, não uma “montagem”. A convivência da criança com os livros nessa idade já era um hábito. Seu nível de concentração com a leitura é tamanho que ela não percebeu a mãe a fotografando. Pode-se notar que, na foto, aparecem brinquedos que foram deixados de lado em favor do livro:

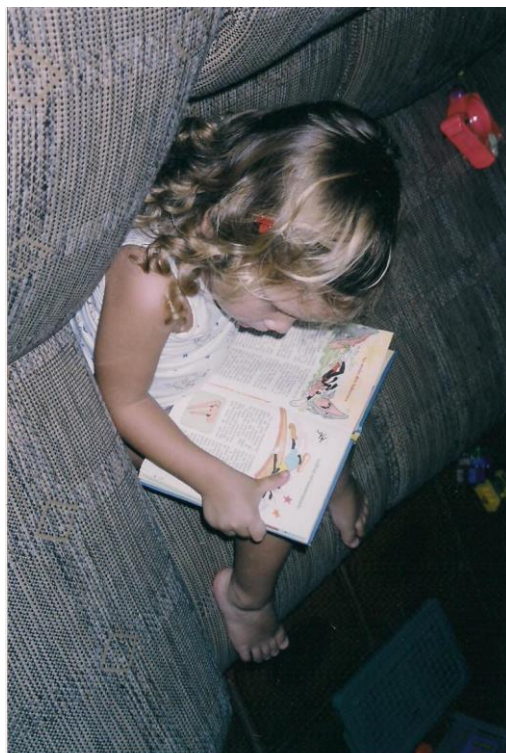


Imagem 3: A menina T, com cerca de 3 anos. O hábito da leitura já havia se formado mesmo antes do período de alfabetização. A leitura de gravuras já entretinha a menina como os brinquedos. (Fotografia cedida de acervo familiar)

Hoje, Q e T, segundo relatos da família, são leitores assíduos. Leem de tudo, de revistas a livros, passando pela inescapável internet. T, como dito, já tem doze anos e, em recente fotografia de família, podemos ver o resultado dos anos iniciais em um ambiente familiar de leitura habitual. A fotografia foi tirada em um momento de recreação da família em uma pousada de campo e, mas uma vez, a concentração da adolescente era tamanha que ela não percebeu estar sendo fotografada.



Imagem 4: A adolescente T, cultiva o hábito da leitura em suas horas de lazer. (Fotografia cedida de acervo familiar)



Os pais de T e Q informam que, nos períodos de férias escolares, sempre sugeriram alguns livros para que os filhos os lessem, livros estes que, após lidos são comentados em casa. Os pais, por sua vez, encontram-se constantemente lendo seus próprios livros, cujo conteúdo é compartilhado com os filhos com satisfação. Não há sofrimento nisso, não há obrigação nem imposição. Há autoimposição e prazer nas múltiplas leituras que da família faz.

O fato mais óbvio em relação a esse exemplo de formação de leitores, e um dos principais argumentos em relação a ele, está em que nem toda família tem uma biblioteca em casa e pais que leem o tempo todo. Aliás, há famílias que sequer tem comida e pais alfabetizados, ou que têm, ao menos, um livro em casa. Sim, é claro que há famílias que sequer tem livros em casa, mas é aí que entra a importância das políticas públicas de incentivo à educação sistemática no ambiente familiar.

Por outro lado, há uma questão de ordem cultural: também, há muitas famílias que poderiam ter livros em casa e não os têm! E há famílias em que os pais poderiam ser um exemplo de leitores para os filhos e não o são. Como se fica nesse caso? Na verdade, parece que, muito mais do que a posse de livros, os pais precisam rever sua participação e sua relevância na formação de seus filhos como leitores e a importância de seu exemplo cotidiano nesse processo. É uma decisão educacional de efeitos permanentes. E o Estado tem parte de responsabilidade em relação a isso, como tenho afirmado aqui.

Se os pais brasileiros se dessem conta da importância de seu exemplo pessoal na formação de filhos leitores, reclamariam menos da escola e já mandariam seus filhos para lá sendo leitores assíduos, mesmo sem que tenham sido ainda alfabetizados. Serão leitores de gravuras, de livros especiais para crianças e leitores do mundo.

Quando isso ocorre, não é incomum que as próprias crianças iniciem o processo de alfabetização em casa, sozinhos, de tanto perguntar aos pais o que está escrito aqui e ali. Quem os obriga a aprender isso? Eles mesmos. Tanto querem aprender, tanto perguntam, que iniciam naturalmente o processo de alfabetização, sem que ninguém precise ficar mandando que decorem os nomes das letras e o be-a-bá!

O que expusemos até agora demonstra que uma mudança de comportamento geral dos pais pode ser decisiva para o futuro de nossas crianças e, por conseguinte, de nosso país. Isso é tema de relevância nacional e, portanto, deveria ser parte das preocupações básicas dos governos. Da mesma forma, a construção de leitores exigirá da família escolhas, muitas vezes de caráter financeiro. Passemos a isso.

## **2. A Importância da biblioteca familiar**

Como vimos até aqui, o desenvolvimento de leitores requer um trabalho familiar que vai além daquilo que a escola pode oferecer sozinha. Através do exemplo de pais leitores, já damos um passo enorme na direção de formar crianças leitoras.

Outro fator importantíssimo na formação de leitores é a exposição e o acesso facilitado a boas coisas que se ler. Cecília Meirelles, em seu clássico “Problemas de Literatura Infantil”, defende que as bibliotecas para crianças deveriam ser formadas

pelas melhores obras disponíveis no mundo. Para as crianças, diz ela, somente deveríamos oferecer o ótimo! Concordamos plenamente com isso. Assim, é essencial que a criança tenha a sua disposição, a qualquer momento, um acervo de bons livros que possam ser lidos e apreciados por ela.

É claro que, quando falamos de um acervo de bons livros, não falamos de milhares de livros em uma biblioteca organizada em casa, com catalogação e tudo mais. Falamos de que a família tenha um conjunto significativo de livros de diversas naturezas, interessantes, atrativos, educativos, belos, disponíveis para a criança. Isso pode ser numa estante na sala ou até no próprio quarto da criança. Pode ser dentro de uma caixa organizada ou em um cesto ou gaveta dedicados a isso. Também, os livros podem ser distribuídos um pouco em cada cômodo da casa. Qualquer que seja a forma possível, isso cria uma intimidade da criança com o livro, que se torna objeto de sua convivência cotidiana e que ela passa a ver como parte de sua existência.

Sobre isso, temos ouvido inúmeras objeções de caráter sócio-econômico. Muitos alegam a pobreza como fator determinante para a não existência de qualquer livro em casa. Alguns afirmam: “As escolas é que deveriam ter bibliotecas!”. Não discordamos: é claro que as escolas deveriam – e devem – ter ótimas bibliotecas, mas a maioria não tem! Além disso, a imensa maioria das crianças brasileiras passa menos de quatro horas na escola, cinco dias por semana, e quase todo o restante do tempo sob influência não-escolar. Nos perguntamos, diante disso, se apenas reclamar da escola e deixa de formar como leitores as crianças no ambiente familiar é razoável. Outra objeção que já ouvimos se refere ao fato de que os municípios e estados é que têm que manter bibliotecas públicas decentes. A resposta é a mesma: é claro que deveriam – e devem -, mas a maioria não tem. Então, retomamos a pergunta anterior: apenas reclamar dos municípios e dos estados e deixar de formar como leitores a criança no ambiente familiar é uma atitude razoável?

Na verdade, é necessária uma enorme mobilização nacional em prol das bibliotecas escolares e das bibliotecas públicas. Nos últimos anos, o MEC tem retomado com certa insistência programas de formação de bibliotecas escolares de boa qualidade e investido mais nisso. Todos os estados e municípios deveriam seguir o exemplo e constituir bibliotecas públicas decentes, mas muito poucos o fazem. Aliás, há muitos estados e municípios que investem em estádios, ginásios, balneários, carnaval e festas, mas não investem um real em uma biblioteca pública que mereça esse nome. Todas essas coisas são importantes, mas a biblioteca é mais importante que todas elas, afirmamos categoricamente.

Em outras palavras: não negamos as responsabilidades de escolas, estados e municípios em ter ótimas bibliotecas, muito pelo contrário. E dizemos, ainda, que nós e nossos filhos deveríamos frequentá-las como frequentamos o supermercado. Mas isso é uma coisa diferente do que ter uma significativa biblioteca em casa, que permita uma exposição constante da criança aos livros e que mostre para a criança – isso é muito importante! – que seus pais ou responsáveis investem em livros como coisas essenciais.

Em nossa casa, na época de nossa infância, havia muito poucos livros, mas havia livros! Além das bíblias individuais, de fato, havia um livro muito interessante e mais dois ou três que não despertavam muito interesse das crianças. Esse livro interessante se

chama “Segredos do Mar”, um livro publicado pelas Seleções do Reader’s Digest, que nós nunca soubemos como foi parar lá em casa. É um livro-documentário com centenas de fotografias da vida marinha e insular de diversas partes do mundo. Minha experiência pessoal com esse livro foi a de o ter vasculhado página a página, linha a linha, por anos a fio, admirado, sonhado, lido, observado, decorado as legendas das figuras, enfim, de ter usufruído desse livro e de suas fotografias centenas ou milhares de vezes ao longo de toda minha infância e juventude. Ele era folheado como um tesouro, absorvido como o perfume que emana dos templos mais sagrados, foi decorado como um mapa da felicidade. Hoje esse livro nos pertence. Foi o livro da nossa infância, dos sonhos e das histórias. Foi “herdado” de nosso pai... depois de muita insistência. Se um único livro teve tamanho efeito na formação de uma criança, como teria sido melhor se ao invés de um, tivéssemos alguns livros mais dessa qualidade em casa? Esse livro era nosso pequeno tesouro, uma razão de alegria permanente. E como era maravilhoso saber onde podíamos – sempre! – tê-lo à mão.

Outra objeção comum que se faz em relação a famílias terem livros em casa é o preço dos livros no Brasil. É verdade. Não são os livros mais baratos do mundo. E, como disse, também é verdade que há famílias que sequer tem o que comer e, para as quais, adquirir livros não seria a prioridade. Mas, isso é assim aqui e na Dinamarca, na Suécia e na França. Mas lá se formam leitores. Qual a razão disso?

É preciso aceitar – principalmente, para poder combater – a triste realidade de que o povo brasileiro não tem tradição cultural de investir em livros. A maioria das famílias de classe média, média alta e alta gastam milhares de reais anuais com seus filhos dando-lhes roupas caras, celulares de última geração (e pagando as contas que eles geram...), tabletes, brinquedos eletrônicos e outras parafernalias de valor secundário, enviando-os à Disney para tirar umas fotografias com o Mickey Mouse, mas não gastam um real com livros e com a formação de uma boa biblioteca familiar para essas mesmas crianças e adolescentes. É uma questão de cultura geral e de prioridade! Há alguns meses, o filho adolescente de um conhecido da família me mostrou seu celular novo de 1.300 reais! Mas, quando perguntamos a ele sobre livros, ele se espantou: “Livros?!”. Não, não há um livro sequer (além dos livros didáticos dentro da mochila, esses não muito interessantes) no quarto desse adolescente ou em algum lugar da casa! ele se lembrava de livros de receita de sua mãe e apenas isso. Mas, quantos bons livros poderiam ser comprados para a família com os mesmos 1.300 reais?! Então, perguntamos o que mais há de valioso no quarto desse típico adolescente brasileiro de classe média, e ele informou: computador de última geração, TV de LCD com videogame ultrapotente, dezenas de cartuchos de jogos eletrônicos, roupas de grife. Quanto custou tudo isso? Muito. Por que não há livros? Falta de dinheiro? Não! Falta de cultura e prioridade. Apenas isso.

Se fosse prioridade, na criação dessas crianças e adolescentes, construir leitores, e assim, uma estirpe mais evoluída de pensadores e cidadãos conscientes, haveria livros nessas casas à disposição deles, seus pais os estariam lendo cotidianamente e os filhos, muito provavelmente, pelo exemplo dos pais e pela disponibilidade de bom material, aprenderiam a gostar de ler. Porém, como não há uma mobilização pública em torno disso, como a sociedade não entendeu ainda a importância da leitura, como os governos



federal, estaduais e municipais não investem em programas de conscientização e incentivo, como a visão geral de boa educação é apenas vinculada a enviar os filhos à escola na idade correta, a leitura como meio de formação de cidadãos inteligentes, críticos e conscientes se torna cada vez mais um sonho distante no Brasil.

### **3. Experiências multimodais**

Um dos argumentos que mais ouvimos em relação à leitura em ambiente familiar diz respeito ao fato de que os membros da família “não gostam de ler”. Muitas pessoas com as quais conversamos atestam ter dificuldades de concentração na leitura. Muitas delas dizem que começam a ler um livro e desistem, pois acham a atividade enfadonha. Um informante, em especial, disse que o “melhor sonífero” que existe para ele é a leitura. Ele se deita, pega um livro e dorme em poucos minutos, com o livro na cara. Nesses casos todos, temos algumas questões a considerar.

Parece verdadeiro que uma pessoa desacostumada com a leitura tenha uma dificuldade inicial em levar um grande livro até o final, mesmo que seja um livro com um texto interessante, cativante. De fato, a leitura exige de nós níveis de concentração e perseverança que são cada vez mais incomuns na sociedade em geral, especialmente nas crianças e jovens acostumados à efemeridade nos jogos eletrônicos e da internet. Por isso, essa perseverança precisa ser treinada, trabalhada, insistida!

É claro que, se isso for treinado desde as mais tenras idades, a criança já crescerá com o gosto pela leitura e será muito mais fácil para ela a leitura de grandes livros e textos mais “ásperos” na idade adulta. Mas, conseguir isso de uma criança pequena é algo que exige cuidados a capricho. Não se obriga uma criança a sentar e ler indefinidamente, a título de “treinamento” para idade adulta. É mais fácil que ela odeie a leitura se isso for feito. Assim, existem algumas coisas que podemos fazer para facilitar esse processo. Muitas delas têm a ver com experiências multimodais, em que misturamos diversas modalidades de expressão com o ato de ler, de forma que a criança se sinta motivada a insistir na leitura do texto escrito.

Antes de qualquer coisa, é importante que haja material diversificado à disposição da criança, de forma que a própria criança possa se deixar encantar pelo livro e iniciar uma experimentação de leitura. E, é claro que, se disponibilizarmos livros que permitem experiências multimodais, a coisa fica ainda mais fácil.

Uma das formas iniciais é a relação entre a leitura e a imagem pictográfica. Existem bons livros ilustrados no Brasil. Existem bons livros só de gravuras, que a criança lê a partir das imagens e constrói seu texto. Em um dos relatos que colhemos, uma criança informou que seu livro preferido em casa é um livro sem título, de Juarez Machado, publicado pela Francisco Alves, com uma gaiola e com um cadeado sem buraco de fechadura na capa:

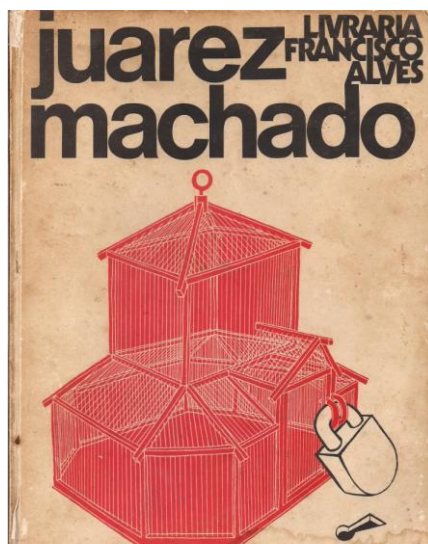


Imagem 5: Livro de ilustrações sem título e sem texto escrito, do autor Juarez Machado.

Trata-se de um livro sem ilustrações coloridas, formado com desenhos bem rudimentares e simples em suas linhas, mas que cativam o leitor por sua inteligência e organização. A cada nova leitura dessas ilustrações, elas contam uma história diferente. Mas, o interessante é que criança sempre faz questão de perguntar aos pais, repetidamente: “Por que o buraco da fechadura está no chão e não no cadeado?”. A resposta dos pais tem sido de que a resposta está dentro do livro. E assim se vão algumas dezenas de leituras.

Outro tipo de material que se encontra facilmente no Brasil hoje é o livro relacionado a desenhos animados. É muito difícil se encontrar hoje uma criança que não conheça, por exemplo, os desenhos produzidos pela Disney. A maioria desses desenhos tem versão sua versão em livro. Um exemplo segue abaixo: “Mogli, o Menino Lobo”:

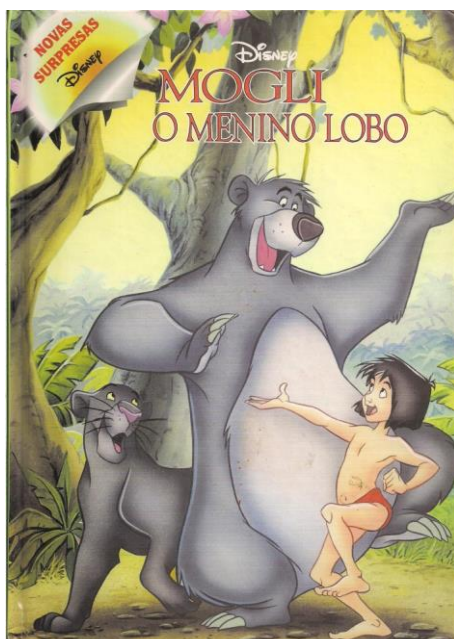


Imagem 6: Exemplo de livro infantil que tem versão em desenho animado e permite à criança uma experiência de leitura multimodal.

A família entrevistada informa que possui o desenho animado e o livro e que não é incomum que a criança assista ao desenho com o livro em mãos, comparando as figuras com o que vê na tela da televisão. Depois de ver ao desenho, também é comum que a criança peça à mãe para ler a história do livro para ela. Outras vezes, a criança pega o livro, o lê (as gravuras) e, em seguida vai assistir o desenho. De toda forma, desenho e livro conversam entre si e a leitura vai virando gosto.

Mas não são somente os desenhos da Disney que têm versões em livro. Hoje, desenhos da Turma da Mônica conversam com livros e revistas. Os geniais livros ilustrados de Asterix e Obelix também têm versões muito fieis em desenho animado.

Uma família entrevistada informa a fascinação que os desenhos de Asterix e Obelix exerceram em sua infância. A criança ia assistindo aos desenhos e conferindo os textos e ilustrações no livro em quadrinhos. Por exemplo, essa aventura ilustrada abaixo é uma das que têm versão correspondente em desenho animado, muito fiel, muito bem feita:

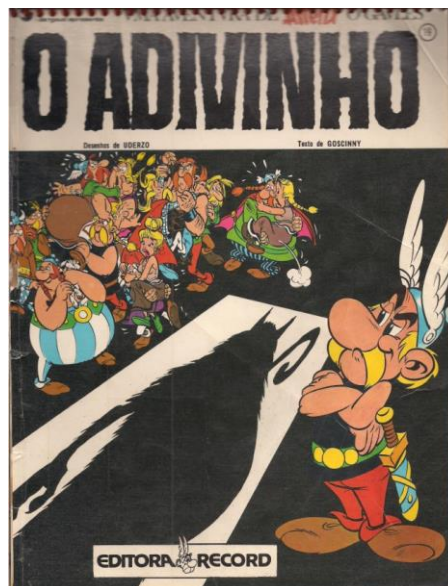


Imagem 7: Exemplo de livro ilustrado de Asterix e Obelix que possui versão em desenho animado muito fiel ao original escrito.

O “Pequeno Príncipe” tem versão em desenho animado e a maioria dos clássicos de contos de fadas tem versão em livro e desenho, só para citar alguns. Ou seja, basta procurar que se acha a “dobradinha” desenho-livro sem muita dificuldade em qualquer bom magazine ou livraria.

Outra parceria muito boa é a importantíssima relação cinema-livro. Hoje, temos uma infinidade de livros que viraram filmes e que podem ser explorados pelos pais. Só para lembrar alguns pouquíssimos exemplos, temos “O Menino Maluquinho”, “As Aventuras de Gulliver”, “Viagem ao Centro da Terra”, “A Volta ao Mundo em Oitenta Dias”, “O Senhor dos Anéis”, “Os Miseráveis”, os tantos e tantos filmes feitos a partir de romances brasileiros, entre outros que poderiam ser citados.

Havemos de confessar que até coisas mais esdrúxulas, como a série Harry Potter e a vampiresca série “Crepúsculo” acabam servindo para uma relação cinema-livro que pode conduzir o jovem ao gosto pela leitura.

Em muitos relatos colhidos, é evidente a incrível sensação de descoberta por parte de crianças e adolescentes quando ficam sabendo que os filmes que acabaram de assistir foram baseados nos livros. Melhor ainda quando descobrem que podem ter acesso aos livros, à história original. É como se descobrissem a roda!

Mesmo os adultos se deixam levar por essa experiência multimodal. Há algum tempo, colhi o relato de uma mãe que assistiu ao filme e se encantou com a história de Moll Flanders. Posteriormente, ela descobriu que se tratava de era um romance de Daniel Defoe e que o livro tinha tradução em português. Imediatamente, ela saiu em busca de adquirir o livro, que foi lido e muito apreciado.

Outra forma muito interessante desse explorar as relações multimodais com a leitura é assistir adaptações de livros para teatro. Nas cidades que têm o privilégio de possuir teatro e vida teatral ativa, essa é uma forma muito interessante de convidar as crianças e jovens para a leitura. Depois, pais e filhos ainda podem conversar sobre o que foi assistido e lido, para tirar melhor proveito do que se viu e assistiu.

Essas experiências multimodais, ou seja, essas diferentes formas de associar leitura com outras modalidades de expressão, podem e devem ser levadas a efeito também nas escolas, mas não apenas nelas. Não para se fazer “trabalho valendo nota” depois, mas pelo prazer que elas proporcionam e pelo que elas ensinam por si. A escola brasileira tem sido, em geral, mestra experiente e eficaz em impedir o desenvolvimento do prazer pela leitura, pois quase sempre a leitura é associada a atividades enfadonhas e sem sentido como resumos, provas e seminários, o que cria vínculos entre a leitura e o desgosto que dela decorre. Seria importante deixar e incentivar que os alunos leiam em paz pelo prazer de ler e pelo conhecimento que a leitura proporciona! Mas, como fazer isso se eles sequer gostam de ler? Passemos a esse ponto de nossa argumentação.

#### **4. A transferência do gosto pela leitura para a vida escolar**

A prática tem mostrado que, se por um lado, a escola sozinha só consegue muito raramente desenvolver o gosto pela leitura e transformar a criança em um leitor, por outro lado, não tem o poder de desfazer o gosto pela leitura já arraigado em uma criança desde os anos iniciais de vida.

Como dissemos anteriormente, um dos maiores problemas da escola em relação à leitura está no fato de que, ali, a leitura está quase sempre relacionada a um “depois”, considerado “chato” e “maçante” pelos alunos. A leitura não é considerada a atividade em si, mas algo que se usa para fazer a atividade “de verdade”. Assim, lê-se um texto para, depois, ou se preencher um questionário, ou se fazer uma análise gramatical, ou se “compreender” o texto que se leu, ou se fazer uma prova ou, ou... Estas, por sua vez, é que são consideradas as atividades “de verdade” para as quais a leitura era apenas uma preparação. Isso conflita diretamente com a realidade e, por isso, é bastante problemático.

Quando lemos um artigo ou procuramos uma informação em uma revista como a *Veja*, a *Istoé*, a *Época*, quando lemos um rótulo de produto, bula de remédio ou manual de aparelho, por exemplo, não precisamos de um questionário para entender o que lemos. Os artigos dessas revistas e essas informações técnicas não são seguidos de exercícios de compreensão. Quando lemos um texto literário pelo prazer de lê-lo, não esperamos uma “tarefa” nem nada desse tipo após a leitura. Ninguém lê um romance, na vida real, e depois pede a ficha de resumo para entregar para a professora. A gente simplesmente lê. Ler já é a atividade principal e, muitas vezes, final. Ela toma tempo, exige concentração e habilidade, e, não raro, a consulta a um dicionário ou a outro livro de informações. Às vezes, a leitura demanda conversas com outras pessoas ou mesmo uma experiência com outras modalidades de comunicação. Mas, em todos esses casos, ela é a atividade principal.

É assim que se aprende a ler em casa quando se seguem aqueles passos de que falamos anteriormente, e é assim que se transporta a leitura da casa para escola. O mais grave nessa história é que alunos leitores, ou seja, aqueles que aprenderam a amar a leitura fora da escola, e na maioria das vezes, antes dela, não misturam aquilo que eles mesmos chamam de “leitura que eu gosto” com aquilo que eles chamam de “leitura da escola”. Talvez, essa seja a principal razão que impede a escola de estragar seu gosto pela leitura, mas que também os impede de gostar das leituras propostas pela escola. Isso ficou evidente em entrevistas que fizemos com crianças leitoras em duas escolas particulares. Apresentamos aqui dois trechos dessas entrevistas que evidenciam isso:

***Criança A, menina, 09 anos:***

*Ent: Você gosta de ler?*

*Cri: Gosto muito.*

*Ent: O que você gosta de ler?*

*Cri: Meus livros e revistinha... tipo assim... gibi.*

*Ent: Você lê todo dia?*

*Cri: Quase todo dia. É que tem dia que não dá tempo. Mas, se der tempo, eu leio.*

*Ent: Você lê na escola?*

*Cri: Na escola a gente lê muito pouco.*

*Ent: É gostoso ler na escola?*

*Cri: Não. É chato.*

*Ent: O que você lê na escola?*

*Cri: Só os livros das matérias.*

*Ent: O que tem para ler nesses livros?*

*Cri: Só texto chato. Tem um ou outro... tipo assim... mais legal. Mas é tudo, tipo, muito curtinho.*

*Ent: Você falou que ler em casa é legal e ler na escola é chato. Não é tudo leitura?*

*(Pausa. A criança reluta na resposta e o entrevistador reformula a pergunta.)*

*Ent: Ler em casa não é a mesma coisa que ler na escola?*

*Cri: Não. Ler em casa é mais legal, porque a gente lê coisa legal e depois que leu já acabou. Na escola, as coisas de ler são chatas e depois tem que fazer questionário da leitura... e ainda tem que ler em voz alta pra tia.*

***Criança B, menino, 08 anos:***

*Ent: Você gosta de ler?*

*Cri: Gosto um pouco.*

*Ent. O que você gosta de ler?*

*Cri: Gibi... também eu leio livro... também eu leio a Bíblia... também eu leio jornal, quando o meu pai traz para casa, mas aí eu gosto mais de ver as figuras.*

*Ent. Você lê todo dia?*

*Cri: Sim.*

*Ent: Você lê na escola?*

*Cri: É difícil. A gente está sempre escrevendo.*

*Ent. É gostoso ler na escola?*

*Cri: Não. Eu não gosto de ler na escola.*

*Ent: O que você lê na escola?*

*Cri: Os livros que o meu pai comprou no começo do ano.*

*Ent: Que livros o seu pai comprou no começo do ano?*

*Cri: Os livros que a tia mandou comprar para fazer as tarefas.*

*Ent: O que tem para ler nesses livros?*

*Cri: Só tem algumas coisas. Tem mais lugar para escrever.*

*Ent: Você falou que gosta de ler em casa e que ler na escola é ruim. Não é igual ler em casa e ler na escola?*

*Cri: Eu já disse que na escola a gente quase não lê, porque só fica escrevendo... Em casa é mais legal porque a gente fica mais lendo.*

Como se pode ver nas respostas dadas pelas crianças (nos dois casos, crianças que foram formadas como leitoras fora da escola), elas não “misturam as coisas”. Ou seja, mesmo considerando as atividades de leitura da escola muito chatas, elas não perdem o gosto pela leitura na vida. Até pode acontecer, cremos, que uma criança que fosse formada leitora antes da escola viesse a perder seu gosto pela leitura, em função de tanta insistência da escola em vincular leitura e “exercício”. Mas, ao que parece, isso é raro. Pelo menos, não apareceu um único caso num rol de cerca de 30 crianças leitoras entrevistadas ao longo de 5 anos (infelizmente, não é muito fácil encontrar crianças leitoras no Brasil!).

Imaginamos o que aconteceria a essas crianças leitoras no dia em que a escola descobrisse a importância da leitura e aprendesse a como lidar com ela. Imaginamos o reforço de “prazer” que essas crianças teriam em relação ao seu hábito de leitura e como isso influenciaria em sua formação como pessoas de horizontes amplos.



## Considerações finais

Como vimos ao longo deste artigo, uma boa influência formativa do ambiente familiar pode ser elemento decisivo na formação de crianças leitoras, de cidadãos inteligentes, críticos e conscientes.

Embora muitas famílias brasileiras tenham condições de oferecer aos filhos um bom ambiente de leitura, infelizmente, traços culturais e prioridades familiares (inclusive econômicas) têm impedido essas crianças de ter acesso a bom material de leitura em casa, assim como ficam sem um bom exemplo de pais leitores.

Em relação às famílias em condições socioeconômicas de risco, seria importante que houvesse políticas públicas de incentivo à educação familiar e de orientação da leitura em ambiente familiar da mesma forma que há políticas públicas voltadas para a saúde nesse âmbito.

Infelizmente, por enquanto, nos resta apenas insistir nessa tese da importância da leitura como instrumento de aprimoramento das novas gerações e no fato de que o gosto pela leitura deve ser despertado ainda em ambiente familiar, logo nos primeiros anos de vida da criança, e esperar que as famílias que tiverem condições, pelo menos em casa, façam algo em prol de formar seus filhos como leitores. Ao menos, já sabemos que, se conseguirmos formar esse hábito nas crianças, será muito difícil que alguém o deturpe.

## Referências

- MEIRELES, Cecília (1984). *Problemas de Literatura Infantil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- ABRAMOVICH, Fanny. *Literatura Infantil: Gostosuras e bobices*. São Paulo: Scipione.
- BENJAMIN, W. (1984). *Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação*. São Paulo: Summus, 1984.
- COELHO, Nelly Novaes (2002). *Literatura Infantil – Teoria, análise, didática*. São Paulo: Moderna.
- FARIA, Ma. Alice (2004). *Como Usar a Literatura Infantil na Sala de Aula*. São Paulo: Contexto.
- FERRAREZI Jr., C. (2000). *Discutindo Linguagem com Professores de Português*. São Paulo: Terceira Margem.
- FERRAREZI Jr., C. (2003). *Livres Pensares*. Porto Velho: EDUFRO.
- FERRAREZI Jr., C. (2007). *Ensinar o brasileiro: respostas a 50 perguntas de professores de língua materna*. São Paulo: Parábola Editorial.
- LAJOLO, M. (1993). *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. São Paulo: Ática.
- ZILBERMAN, R. (1985). *A literatura infantil na escola*. São Paulo: Global Ed.
- ZILBERMAN, R. (2005). *Como e por que ler literatura infantil brasileira*. São Paulo: Objetiva.